



Imagens-clichê de “terror e piedade” em *Édipo Rei*¹

Joanise Levy²
Universidade de Coimbra
Universidade de Brasília
Universidade Estadual de Goiás

Resumo: O presente trabalho versa sobre a natureza iconográfica da escrita fílmica e em que medida esta atividade é interpelada por imagens que podem ser adjetivadas como clichês. Da comparação entre as imagens sugeridas no texto dramático *Édipo Rei*, de Sófocles, e na obra fílmica *Édipo Re*, de Pier Paolo Pasolini, buscou-se identificar as possíveis imagens-clichê de “terror e piedade” presentes na composição iconográfica da *mise en scène*.

Palavras-chave: Clichês; Imagens-clichê; Roteiro; Cinema; Édipo Rei.

Resumo expandido

Ao inventariar os sentidos que o termo clichê foi adquirindo com o tempo, bem como as lacunas deixadas pela carência de um estudo mais aprofundado do tema no campo da Filosofia da Arte, da Semiótica, da Teoria da Recepção ou da Análise Fílmica, observo ser necessária uma definição anterior, relativa à natureza mesma do clichê, de modo a superar a conceituação superficial que o define apenas por oposição à originalidade.

Leonor Areal (2011) propõe que o clichê é um elemento do processo de significação do filme e aponta para a possibilidade de o clichê ser um embrião de signo visual latente tanto na imagem quanto na memória do espectador. Para Areal (2011), tal conceito assemelha-se ao de *significante imaginário*, que na acepção de Christian Metz (2010) é um significante de outra natureza que não linguística, constituído pela matéria do filme e ressignificado num segundo grau pelo imaginário do espectador/leitor. Dizer que o cinema obedece mais às leis da mente do que às leis do mundo exterior

¹ Trabalho apresentado à VII Semana do Cinema e Audiovisual da UEG. Goiânia, UEG- Campus Laranjeiras, 2018.

² É professora no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás e doutoranda nos programas de doutorado em Estudos Artísticos-Estudos Fílmicos e da Imagem da Universidade de Coimbra e do doutorado em Literatura e Outras Artes da Universidade de Brasília. E-mail: jolevy.ueg@gmail.com



(Munsterbeg, 2008, p. 38) fortalece o argumento de que o clichê está ancorado no imaginário.

Destacamos que algumas imagens, em razão da pregnância da sua forma são facilmente replicáveis, o que as tornam persistentes, pois são reiteradamente usadas.

Consideramos viável, portanto, adjetivar certas imagens pregnantes e replicáveis de 427 a. C., e o filme, *Édipo Re*, de Pier Paolo Pasolini, de 1967, e nos baseando na composição iconográfica da *mise en scène*, observamos a utilização de algumas imagens com o fito de provocar no espectador emoções de “terror e piedade”.

O motivo pelo qual frisa-se os termos “terror e piedade” dá-se por referência à obra de Aristóteles, *Poética*, século IV a.C., na qual o pensador grego discorre sobre os elementos do gênero trágico e apregoa que a tragédia deve suscitar as referidas emoções no público, provocadas por meio das vicissitudes sofridas pelo herói. Tais acontecimentos se mostram por meio de ações dramáticas situadas num tempo e num espaço. De onde se segue que a ação dramática é, no limite, uma imagem.

À leitura de uma ação descrita num texto segue a formulação de imagens mentais pelo leitor. No cinema, por sua vez, o trabalho do roteirista é o de conceber previamente as imagens fílmicas que vão compor a *mise en scène*, pois como afirma Syd Field (2001), o roteirista escreve com imagens.

Neste breve exercício de análise, tomando a encenação como parâmetro, vamos nos ater à gestualidade dos atores, seja ela sugerida no texto ou vivificada na tela. Frente à necessidade de representar imgeticamente o desespero, como um estado de ânimo que pode suscitar a piedade do espectador ou conduzir o herói ao terror, o Édipo do filme adota um gesto recorrente.



Figura 3 – Gesto de Édipo no filme *Édipo Re*

Como sinal de desespero, o gesto de levar a mão à boca encontra paralelo em diversas representações pictóricas. Aqui podemos comparar o gesto de desespero da mãe



adotiva de Édipo ao se despedir do filho, que nunca mais voltaria a ver, com um gesto semelhante eternizado na escultura Ugolino (1863), do artista francês Jean- Batiste Carpeaux (1827-1875), cuja história real foi marcada pelo desespero, tendo inspirado Dante Alighieri (1265-1321) a recriá-la numa das cenas do inferno da *Divina Comédia*.



Figura 4 – *Frame* do filme *Édipo Re* e detalhe da escultura *Ugolino*

No texto de Sófocles, após o suicídio de Jocasta, o mensageiro entra em cena aterrorizado com o que acabara de presenciar e narra o desespero de Jocasta. “No seu arrebatamento, mal transpôs o vestibulo, precipitou-se diretamente à alcova nupcial; ia arrancando os cabelos com ambas as mãos (SÓFOCLES, 1964. P. 83). Temos aqui a descrição de uma imagem que evoca um gesto de desespero.

Apenas para ilustrar a recorrência de tal imagem, também em outros meios de representação pictórica, como a pintura, temos o quadro *O Desespero* (1853-1855), do pintor realista francês Gustave Coubert (1819-1877) e *O Grito* (1893), do pintor norueguês e um dos precursores do expressionismo alemão, Edvard Munch (1863- 1944). Em ambas as obras o desespero é representado pelo gesto de levar as mãos à cabeça ou tentar arrancar os cabelos.



VII SAU - SEMANA DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UEG

Luz, câmera, ação:
Os bastidores do fazer cinematográfico
v.5 n.1(2018): Anais da VII SAU UEG

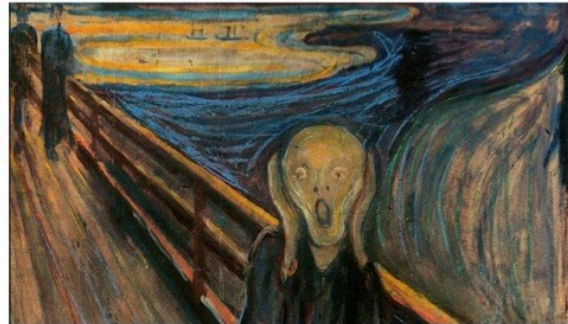


Figura 5 – Pinturas “o Desespero”, de Coubert e “O Grito”, de Munch

Se a primeira imagem mental de desespero que nos ocorre é quase sempre aquela advinda de um repertório imagético compartilhado culturalmente (imaginário) ou instintivamente (arquétipo), ao ganharem forma como imagens-clichê seguem se perpetuando também como matriz para outras cópias e paródias, tais como os memes. Ou seja, uma espécie de clichê do clichê. Uma rápida busca pela internet nos leva a diversos memes elaborados a partir das referidas pinturas.

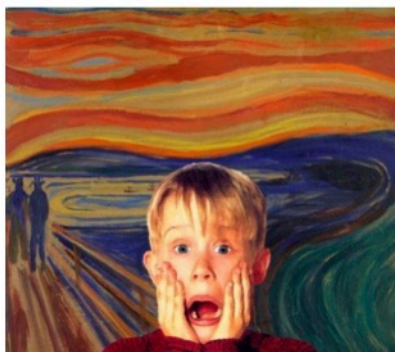


Figura 6 – Memes baseados nas obras “O Desespero” e “O Grito”



VII SAU - SEMANA DE CINEMA E AUDIOVISUAL DA UEG

Luz, câmera, ação:
Os bastidores do fazer cinematográfico
v.5 n.1(2018): Anais da VII SAU UEG

Observamos que a criação de roteiros, além de demandarem o domínio técnico da dramaturgia e o domínio formal da narrativa fílmica, são poéticas mediadas por um repertório imagético, o qual é recuperado no ato de fabular. Ocorre que, dada a onipresença das mídias audiovisuais, somos constantemente interpelados por imagens-clichê e tal condição dimensiona o desafio enfrentado por aqueles que aspiram contar histórias com algum grau de inovação e originalidade.

Referências Bibliográficas

AREAL, Leonor. **Para uma teoria do clichê**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2011. Disponível em: <<http://cjpml.ifl.pt/2-areal>> Acesso em 13.05.2014.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. Coleção: Os pensadores.

FIELD, Syd. **Manual do Roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MUNSTERBERG, Hugo. **A memória e a imaginação**. In: XAVIER, Ismail (org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

SÓFOCLES. Rei Édipo. In: BRUNA, Jaime (org.) **Teatro Grego**. Tradução: Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1964.